

Editorial

Tipologia e Codificação de Dados *Corpus* Latente na Internet



A Investigação científica nas ciências humanas e sociais, como as demais áreas científicas, necessitam de evidências e argumentos estruturados para responderem a suas questões de investigação. Estas evidências argumentativas tem por base a análise de dados. Na nossa visão estes dados podem ser resumidos em dois tipos gerais: i) os numéricos e estruturados, e os ii) não-numéricos e não-estruturados. Os dados numéricos e estruturados, recorrem a uma codificação em matrizes de números e da análise estatística para construir seu argumento. Por sua vez, os dados não-numérico e não-estruturados que têm por base a palavra ou o discurso, podem seguir caminhos diversificados de codificação e análise. Geralmente estas codificações acabam por seguir uma lógica taxionômica categorial, muitas vezes hierárquica, para conjugar uma síntese e uma análise dos dados não-numéricos.

Os dados não-numéricos podem ser “transformados” em numéricos através de um sistema de codificação e finalmente receber tratamento estatístico. No entanto, este processo de “transformação” não é garantia, por si só, de maior “verdade” científica, porque o simples facto de se usar a análise estatística não determina que todos os elementos de generalização, validade e fiabilidade estejam assegurados, como se requer numa investigação de natureza quantitativa. A solução encontrada por muitos cientistas e evidenciada por décadas de publicações, é que a “palavra” tem poder argumentativo em ciência tão relevante quanto os “números”. A conjugação das “palavras e dos “números” nas chamadas metodologias mistas, é um desafio moderno na construção de um novo paradigma científico.

Então, como produzir ciência com o poder de convencer baseado em evidências da “palavra” ou do discurso seja ele textual, visual ou multimédia? Acreditamos que um sistema científico que usa a “palavra” para produzir argumentação válida requer a integração do i) contexto, do ii) processo, e das iii) relações entre múltiplas fontes de dados. A triangulação destas fontes de dados requer rigor e sistematização de análise para evidenciar o testemunho das “palavras” como regime coerente e contraditório, aberto e fechado, e sempre multifacetado como os sistemas humanos pressupõem.

Diante destes fatores apresentados, é fácil concluir que o processo ou método de codificação dos dados não-numéricos e não-estruturados têm uma importância decisiva para a qualidade da investigação de natureza qualitativa. Neri de Souza, Neri de Souza, & Costa (2014) consideram que muitos dos problemas da aplicação equilibrada dos métodos misto, segue do desconhecimento dos métodos de codificação na investigação qualitativa. Saldaña (2012) resume os ciclos de codificação e seus métodos. A seguir apresentamos apenas uma tradução resumida de alguns destes métodos de codificação na mesma ordem apresentada no glossário do seu livro. O objetivo é transmitir ao leitor que estes processos de codificação não se resume apenas àqueles apresentados por Bardin (2004) e exaustivamente citados pelos autores desta área.

1. **Método Afetivo**, investiga as emoções, valores, conflitos e outras qualidades subjetivas da experiência humana dos participantes. É possível estabelecer paralelos com a codificação emocional, codificação de valores, codificação *Versus*, codificação avaliação.
2. **Codificação de Atributos**, notificação, geralmente de conjunto de dados iniciais em vez de sua incorporação, informações descritivas básicas tal como a caracterização do campo

- de trabalho, participantes, caracterização ou demografia, formatação dos dados, e de outras variáveis e aplicações de interesse para a análise qualitativa. É virtualmente apropriado a todos os estudos qualitativos, mas particularmente para aqueles com múltiplos participantes, campos e estudos com uma ampla variedade de formatos de dados. Fornece informações essenciais dos participantes para futuro gerenciamento, referência, e contextualização para a análise e interpretação.
3. **Codificação Axial**, extensão do trabalho analítico a partir da codificação inicial para uma codificação mais focada. Descreve as propriedades das categorias nas suas dimensões e explora como as categorias e subcategorias se relacionam uma com as outras. Um dos pilares da teoria fundamentada (Grounded Theory).
 4. **Codificação Causal**, extrai atribuições ou crenças causais dos dados dos participantes não somente sobre “como” mas “por que” temos aqueles resultados específicos. Busca pela combinação de variáveis antecedentes e intermédias que conduz por um determinado caminho. Tentativa de mapear um processo em pelo menos três partes como na sequência CÓDIGO 1 > CÓDIGO 2 > CÓDIGO 3. Por exemplo, Treino da Fala > Confiança > Preparação Escolar > Competição > Ganha > Autoestima; Sucesso + Recompensa do Trabalho Duro + Bom Treino > Confiança. Apropriado para discernir motivações, sistemas de crenças, visão de mundo, processos, histórias recentes, interrelações, e a complexidade das influências e afetos das ações e fenômenos humanos. Também é apropriado para avaliar a eficácia de um programa em particular, ou como trabalho preparatório antes da diagramação ou modelização de um processo através de meios visuais, tal como os modelos de decisão e redes causais.
 5. **Código**, muito frequentemente um investigador gera palavras ou frases curtas que simbolicamente assinala um resumo, saliência, captação do essencial e/ou atributo evocativo de uma porção de linguagem ou dados visuais. Os dados e tal processo de codificação podem se estender em magnitude de uma simples palavra para um parágrafo completo ou uma página inteira de texto ou um trecho de imagens. Atributos específicos significa que cada dado individual contribui no propósito de detetar padrões, categorização e outros processos analíticos.
 6. **Codificação Descritiva**, assinala etiquetas para os dados com o intuito de os resumir com palavras ou frases curtas, muito frequentemente com um substantivo, o tópico básico de uma passagem dos dados qualitativos.
 7. **Codificação Taxionómica e de Domínio**, a busca sistemática por e para se categorizar termos culturais. Um método etnográfico para descobrir o conhecimento cultural que as pessoas usam para organizar seus comportamentos e interpretar suas experiências. Categorias que categorizam outras categorias são domínios. Taxonomia são listas hierárquicas de coisas classificadas juntas sob um domínio.
 8. **Codificação Dramatúrgica**, aplica termos e convenções para personagens, roteiro e análise de produção de dados qualitativos. Para os personagens, estes termos incluem itens tais como: objetivos dos participantes (OBJ), Conflitos (CON), Tática (TAC), Atitude (ATT), Emoções (EMO), e Subtextos (SUB). Apropriado para explorar as experiências e ações dos participantes de forma intrapessoal e interpessoal em estudos de casos, potencializando relacionamentos, e os processos das agências e motivações humanas. Exemplo, OBJ: Confronto; TAC: Advertir; ATT: Irónico.
 9. **Codificação Eclética**, emprega uma combinação propositada e compatível de dois ou mais métodos de Primeiro Ciclo, com a compreensão de *meno* analíticos escritos e Segundos Ciclos de registos que sintetizará uma variedade e numerosos códigos dentre de uma esquema mais unificado. Apropriado para virtualmente todos os estudos qualitativos, mas particularmente para investigadores qualitativo iniciantes na aprendizagem de como codificar dados, e estudar com uma grande variedade e formas de dados.
 10. **Codificação Elaborada**, construída sobre a codificação de estudos anteriores, categorias e temas enquanto que um estudo corrente e relacionado está a caminho para apoiar e modificar as observações do investigador num projeto prévio.
 11. **Método Elementar**, abordagem básica de codificação de dados qualitativos. Básico mas focado por filtros que revisa o corpus para construir um fundamento para futuros ciclos de codificação. Semelhante a Codificação Estrutural, Codificação Descritiva, Codificação *In Vivo*, e Codificação inicial.
 12. **Codificação Emocional**, etiqueta as emoções lembradas e/ou experimentadas pelos participantes, ou inferidas pelo investigador sobre os participantes. Apropriado para

- virtualmente todos os estudos qualitativos, mas particularmente para aqueles que exploram as experiências e ações intrapessoal e interpessoal dos participantes.
13. **Codificação Avaliativa**, aplicação de (primariamente) de códigos não-quantitativos para dados qualitativos que assinalam julgamento sobre mérito, valor ou significância de programas ou políticas. Apropriados para estudos políticos, críticos, ação, organizacionais avaliativos, particularmente através de múltiplos contextos e períodos de tempo estendidos.
 14. **Método Exploratório**, investigação aberta e código preliminarmente designado para a codificação de dados antes que um sistema de codificação mais refinado seja desenvolvido e aplicado. Pode servir como trabalho preparatório antes de um Primeiro e Segundo Ciclos do método de codificação. Na mesma linha de: Codificação Holística, Codificação Provisional, Codificação Hipotética, e Codificação Eclética.
 15. **Codificação Focada**, dar seguimento nas codificações iniciais (20), *In Vivo* (19) ou de processo (29). Categoriza códigos de dados sob similaridades temáticas ou conceptuais. Busca a codificação inicial mais frequente ou significativa para desenvolver uma categoria mais saliente no corpus de dados. Virtualmente apropriado para todos os estudos qualitativos, mas particularmente para estudos que utilizar a teoria fundamentada (Grounded Theory) como metodologia, e o desenvolvimento de categorias maiores ou temas a partir dos dados.
 16. **Método Gramatical**, refere-se não à gramática ou à linguagem, mas aos princípios gramaticais básicos das técnicas de codificação. Este aumenta a organização, detalhamento, e textura dos dados qualitativos. Ver codificação de atributos (2), codificação de magnitude (23), sub-codificação (34), codificação simultânea (32).
 17. **Codificação Holística**, aplicação de uma lista de códigos para uma grande unidade de dados num corpus, no lugar de uma codificação linha por linha, para capturar um sentido geral dos conteúdos e as possíveis categorias que se pode desenvolver. Uma abordagem preparatória das unidades de dados antes de codificação mais detalhada ou processo de categorização através de método do primeiro e segundo ciclo. A unidade do código pode ser pequena como meia página de extensão, ou grande como todo um estudo completo. Apropriado para a aprendizagem de iniciantes na investigação qualitativa em como codificar os dados e estudar com uma grande variedade de dados. Aplicável quando o investigador tem uma ideia geral do que investigar nos dados.
 18. **Codificação Hipótese**, aplicação de uma lista de códigos para dados qualitativos gerados pelo investigador, predeterminados especificamente para avaliar hipóteses geradas pelo investigador. Os códigos são desenvolvidos a partir de uma teoria ou predição sobre o que será encontrado nos dados antes de terem sido recolhidos ou analisados. Ferramentas estatísticas podem ser aplicadas se necessário, desde a simples contagem de frequências até as mais complexas análises multivariadas. Apropriado para testar hipóteses, análise de conteúdo, e indução analítica de um conjunto de dados qualitativos, particularmente para a busca de regras, causas e explicações dos dados. Também pode ser aplicado no meio ou mais tarde no processo de recolha de dados em estudos qualitativos, ou da análise para confirmar ou não confirmar qualquer afirmação ou teoria desenvolvida até então.
 19. **Codificação *In Vivo***, usa palavras ou frases curtas da linguagem dos dados gravados dos próprios participantes como código. Pode incluir termos folclóricos ou indígenas de uma cultura em particular, subcultura ou microcultura para sugerir a existência de categorias de grupos culturais. Virtualmente apropriado para todos os estudos qualitativos, mas particularmente para a aprendizagem de iniciantes na investigação qualitativa em como codificar os dados e estudar a priorização e a honra das vozes dos participantes. É utilizado em parte de outros métodos da teoria fundamentada (Codificação Inicial, Focada, Axial, e Teórica). Os códigos *In Vivo* são registados entre aspas.
 20. **Codificação Inicial**, é a primeira maior etapa aberta da abordagem da teoria fundamentada (grounded theory). Pode incorporar a codificação de Processo (29) e *In Vivo*(18), mais outros métodos. Quebra os dados qualitativos em partes discretas, examina-os de perto e compara-os nas suas diferenças e similaridades. Virtualmente apropriado para todos os estudos qualitativos, mas particularmente para a aprendizagem de iniciantes na investigação qualitativa em como codificar os dados, estudar a teoria fundamentada, etnografia, e estudos com um grande variedade de formatos de dados.

21. **Método Literário e de Linguagem**, Toma emprestado das abordagens estabelecidas para a análise da literatura e comunicação oral para explorar as construções subjacentes da sociologia, psicologia e cultura. Veja: Codificação Dramatúrgica (8), Codificação Motivo (24), Codificação Narrativa (25), e Codificação de Troca Verbal (38).
22. **Codificação Longitudinal**, atribuição de processos de mudança selecionados para dados qualitativos recolhidos e comparados ao longo do tempo. Matrizes organizadoras de dados de observação de campo, transcrições de entrevistas, e excertos de documentos dentro de categorias temporais semelhantes que permitem ao investigador analisar e refletir sobre suas semelhanças e diferenças de um período de tempo para outro para gerar inferências de mudanças - se houver. Adequado para estudos que exploram a identidade, mudanças, e desenvolvimento em indivíduos, grupos e organizações através de um período de tempo estendido.
23. **Codificação de Magnitude**, consiste em adicionar um código ou subcódigo alfanumérico ou simbólico suplementar a uma codificação existente ou categoria para indicar sua intensidade, frequência, direção, presença ou avaliação de conteúdo. Codificação de magnitude pode ser qualitativo, quantitativo, e/ou indicador nominal para aumentar a descrição. Adequado para métodos mistos e estudos qualitativos em ciências sociais e nas áreas dos cuidados da saúde que também suportam medidas quantitativas como evidências de resultados.
24. **Codificação de Motivo**, aplicação para dados qualitativos desenvolvidos previamente ou códigos indexados originalmente para classificar tipos e elementos de contos folclóricos, mitos e lendas. Um motivo ou tema como dispositivo literário é um elemento que aparece várias vezes para um trabalho narrativo, ainda na codificação o motivo, elemento pode aparecer várias vezes ou apenas uma com excertos de dados. Adequado para explorar experiências e ações interpessoais e intrapessoais dos participantes de um estudo de caso, particularmente aquelas conduzidas através de narrativas ou apresentações de forma artística.
25. **Codificação de Narrativa**, Aplicado a convenções (primariamente) de elementos literários e análise de textos qualitativos mais frequentes na forma de histórias. Adequado para explorar a experiência e ações interpessoal e intrapessoal de participantes para compreender as condições humanas através de narrativas. Adequado para investigações como desenvolvimento de identidade, estudos críticos/feministas, documentação de curso de vida, pesquisa de narrativas.
26. **Codificação EMC (Esboço de Material Cultural)**, O uso do EMC é uma extensiva indexação numerada de tópicos culturais desenvolvidos por antropólogos para classificar dados do campo de trabalho de estudos etnográficos. Um sistema de codificação sistemática que tem sido aplicado para arquivos na área das relações humanas, uma coleção massiva de notas de campo etnográfica e relatos sobre centenas de mundos culturais. Codificação EMC é apropriado para estudos etnográficos (Cultural e Transcultural) e estudos de artefactos, arte folclórica, e produção humana.
27. **Codificação Padrão**, é uma etiqueta categorial (meta-código) que identifica semelhanças em dados codificados. Organiza o corpus em conjuntos, temas, ou constructos e significados de atributos da organização. Adequado para um Segundo Ciclo de codificação; desenvolvimento de um tema maior para os dados; busca de regras, causas e explicações nos dados; exame de redes sociais e padrões de relações humanas; ou a formação de processos e constructos teóricos.
28. **Codificação Procedimental**, prescritivo, sistema de codificação pré-estabelecido ou de uma forma muito específica de analisar dados qualitativos. Ver: Codificação Protocolo (30), Codificação EMC (26), Codificação Taxionômica e de Domínio (7), e Codificação Causal (4).
29. **Codificação Processo**, Usa gerúndios (palavras terminadas em “ando”) exclusivamente para conotar ações conceptuais e observáveis nos dados. Processo também implica ações entrelaçada com a dinâmica do tempo, tais como as coisas que emergem, mudam, ocorre numa sequência em particular, ou torna-se implementadas estrategicamente. Adequada virtualmente para todo estudo qualitativo, mas particularmente para investigações através da teoria fundamentada (grounded theory) que extraem as consequências e ações/interações dos participantes.
30. **Codificação Protocolo**, a codificação dados qualitativos ocorre de acordo com um sistema pré-estabelecido, recomendado, padronizado ou prescritivo. Um compreensiva lista geral de códigos e categorias fornecida ao investigador são aplicadas depois da

- recolha de dados. Alguns protocolos são recomendados como técnicas analíticas para codificações específicas de dados qualitativos (e quantitativos).
31. **Codificação Provisional**, começa com uma "lista inicial" de códigos gerados pelo investigador baseado no que a investigação preparatória recomenda que deve aparecer no dados antes que eles fossem recolhidos e analisados. Codificação provisional pode ser revista, modificada, apagadas ou expandida para incluir novos códigos. Adequado para estudos qualitativos que constrói sobre ou corrobora estudos prévios.
 32. **Codificação Simultânea**, Aplicação de dois ou mais diferentes códigos a um único dado qualitativo, ou sobrepõem a ocorrência de dois ou mais códigos aplicados para uma unidade sequencia de dados qualitativos. Adequados quando o conteúdo dos dados sugere múltiplos significados (por exemplo, descritivo ou inferencial) que necessita ou justifica mais de um código.
 33. **Codificação Estrutural**, Aplicado a fase conceptual ou baseado no conteúdo para um segmento de dados relacionado a uma questão de investigação específica para ambos códigos e categorias de um *corpus* de dados. Segmentos de códigos semelhantes são então colocados juntos para uma codificação mais detalhada e análise. Adequado para visualmente todos os estudos qualitativos, mas particularmente para aqueles que utilizam múltiplos participantes, protocolos de obtenção de dados padronizado ou semiestruturado, teste de hipóteses, ou investigações exploratórias para reunir uma lista de tópicos ou categorias amplas ou temas. Por exemplo: Questão de investigação – Que tipo de técnicas de parar de fumar (se alguma) tem o participante tentado no passado? Codificação Estrutural: TECNICAS DE PARAR DE FUMAR INEFICAZES.
 34. **Sub-codificação**, Uma etiqueta de segunda-ordem assinalada depois de uma codificação primária para detalhar ou enriquecer a inicial. Adequado para visualmente todos os estudos qualitativos, mas particularmente para etnografia e análise de conteúdo, estudos com múltiplos participantes e locais, e estudos com uma larga variedade de forma de dados. Também adequado quando o código geral inicial requererá uma indexação mais extensiva, categorização, e subcategorização num sistema hierárquico ou taxionómico, ou detalhes na análise qualitativa de dados. Pode ser utilizada após a aplicação de um esquema de codificação inicial e ainda geral e o investigador reconhece que o esquema de classificação pode ter sido muito aberto, ou adicionar aos códigos primários se qualidades particulares ou inter-relação emergem.
 35. **Tema, Temização dos Dados**, diferente de um código, um tema é uma sentença ou frase estendida que identifica a unidade de dados e/ou qual o seu significado. O tema pode ser identificado de um nível manifesto (diretamente observável na informação) ou num nível latente (subjacente ao fenómeno). Temas pode consistir em ideias tais como a descrição de comportamento de uma cultura; explicação do porque alguma coisa acontece; declarações icónicas; e histórias morais dos participantes. A meta analítica é desenvolver um tema abrangente do corpus de dados, ou um tema integrativo que narre vários temas juntos numa narrativa coerente. Adequado para visualmente todos os estudos qualitativos, especialmente para os fenomenológicos e aqueles que exploram o mundo de crenças psicológicas, constructos, desenvolvimento de identidade, experiência emocional de um participante. Também é uma abordagem estratégica para estudos meta-resumos e meta-sínteses.
 36. **Codificação Teórica**, funciona como um guarda-chuva que cobre e contabiliza todos os outros códigos e categorias formuladas até agora na análise via teoria fundamentada (grounded theory). Progredir para descobrir a categoria central/nuclear que identifica o tema primário ou os maiores conflitos, obstáculos, problemas, questões ou preocupações dos participantes. O código não é uma teórica em si mesma, mas uma abstração que modela a integração de todos os códigos e categorias. Adequado como um passo culminante para se alcançar a teoria fundamentada.
 37. **Codificação de Valor**, aplicação de códigos em dados qualitativos que refletem os valores, atitudes e crenças dos participantes, representando suas perspectivas ou visão do mundo. Valor (V:), Atitude (A:), Crença (C:). Exemplo: V: Sucesso; A: O Futuro é assustador; C: Perseverança alcança sucesso.
 38. Codificação de Trocas Verbais, uma assinalada abordagem etnográfica para analisar conversas através da reflexão sobre uma prática social e seu significado interpretativo. Requer transcrição literal (*verbatim*) para a análise e interpretação dos tipos de conversação de momentos-chaves e das trocas. Adequado para uma variedade de

estudos da comunicação humana, estudos que explorem práticas culturais, e para a análise de textos etnográficos pré-existentes como autoetnografia.

39. **Codificação Versus**, identifica termos dicotômicos ou binários de indivíduos, grupos, sistemas sociais, organizações, fenômenos, processos, conceitos etc., em conflito direto uns com os outros, uma dualidade que se manifesta em si mesmo como um código X *versus* Y. Apropriados para estudos políticos, análise de discurso, etnografia crítica, investigação de ação ou prática, e conjuntos de dados qualitativos que sugere fortes conflitos, injustiça, desequilíbrio de poder, ou metas competitivas entre si e entre os participantes.

Quando se fala em tipologia e codificação de dados *Corpus* Latente na Internet, necessitamos questionar se existe diferença nos tipos de dados ou no processo de codificação entre estes *corpus* e um *corpus* de dados obtidos de forma convencional. Como já apontamos inicialmente os dados na investigação em ciências humanas e sociais podem ser agrupados em dois tipos gerais: i) numéricos e os ii) não-numéricos. Quando pesquisamos os dados com *corpus* latente na internet é fácil perceber que estes dois tipos de dados estão facilmente disponíveis. Por exemplo, se optarmos por pesquisar qual o vídeo no Youtube® mais visto com o termo de busca “Science Education” e porque é o mais visto, poderemos perceber dados com caráter numérico (nº de visualizações, nº de *likes*, nº de países ... etc.) e dados não-numéricos (texto do próprio vídeo, texto de apresentação inicial, textos dos comentários etc.). Para concretizar o exemplo, vejamos o segundo vídeo atualmente mais visto na lista do Youtube® com o termo: “Science Education”. Ele se chama: “Liquid Light – Cool Science Experiment” visto 2 232 366 vezes, 3 819 *likes*, 368 *dislikes*, e uns espantosos 1 266 comentários textuais. Este vídeo está disponível desde 14/07/2009.

Observando cuidadosamente a lista apresentada dos 36 métodos diferentes ou combinados para se codificar dados não-numéricos, é possível perceber que em quase nada irão diferir ao analisar dados obtidos convencionalmente ou pela internet. Para concretizar este raciocínio pensemos num exemplo. No caso de entrevistas feitas convencionalmente podemos ou não dispor de um conjunto de informações contextuais, que pode não estar disponível quando analisadas as entrevistas já disponíveis pela internet (*corpus* latente). Contudo, quando comparamos os processos de codificação necessários para as entrevistas em si mesmas, podemos afirmar que todas as técnicas possíveis de serem aplicadas num caso pode ser aplicado no outro. Assim, podemos concluir que em essência os dados *corpus* latente na internet não diferem muito em termos de tipologia de dados e de metodologia de codificação em relação aos dados convencionais.

Esta diversidade de dados, abordagens e métodos estão também patentes nos artigos que se apresentam neste número do *Internet Latent Corpus Journal (ILCJ)*. Neste número temos autores do Brasil e de Portugal que consolidam o caráter de internacionalização da Revista. Do ponto de vista metodológico, a globalidade dos autores usaram a ferramenta tecnológica o WebQDA® (Neri de Souza, Neri de Souza, Costa, & Moreira, 2013), com exceção de um artigo que usou o NVivo®, para a codificação e análise dos resultados. Portanto, são investigações de natureza qualitativa com base em dados provenientes da internet, como se poderá verificar na Tabela 1.

Tabela 1: Títulos, *corpus* de dados e tipos de análise dos artigos desta edição

| Artigo | Corpus de dados | Tipo de Análise |
|---|--|----------------------------|
| 1. Ambientalização do Ensino Superior: Um Olhar Sobre os Grupos de Pesquisa da Universidade Federal Rural de Pernambuco | Descrições do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, disponível página do CNPq | Qualitativa |
| 2. Ferramentas de Apoio à Sustentabilidade na Gestão da Cadeia de Fornecimento: Análise Qualitativa de Relatórios de Sustentabilidade | Relatórios de sustentabilidade disponível nos sites das empresas. | Qualitativa |
| 3. Boas Práticas e Tendências de Uso das Tecnologias da Comunicação no Ensino Superior | Fichas de caracterização de 3 instituições do ensino superior e 11 entrevistas a docentes. | Qualitativo |
| 4. Internet TV Portuguesa nas Redes Sociais | Comentários de espectadores de Internet TV no Facebook e questionário aplicados. | Qualitativa e Quantitativa |
| 5. Determinantes na Adoção e Recomendação de Software de Investigação Qualitativa: Estudo Exploratório | 210 respostas a questão do <i>ResearchGate</i> ®: "Can you recommend a software for analysing qualitative data (interview transcripts)?" | Qualitativa |
| 6. Capital Humano Versus Capital Tecnológico: Projetos Tecnológicos na Educação, uma Leitura da Estratégia Portuguesa | Entrevistas de governantes portugueses disponível na internet sobre tecnologia e educação. | Qualitativa |
| 7. Do Ecossistema à Wiki: Estudo Comparativo da Colaboração de Duas Turmas do Ensino Secundário no Pbworks® | Análise de interações de uma Wiki. | Qualitativa |
| 8. Pinturas Sobre Alquimia Podem Induzir Concepções Deturpadas da Ciência? | Pinturas de vários séculos disponível na internet que representa a alquimia. | Qualitativa |

O **primeiro artigo** analisa os grupos de pesquisa que apresentaram temáticas ambientais. Foi focado nos grupos da UFRPE que estão registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, pertencente à página de internet do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Este artigo analisou os perfis deste grupos na perspectiva naturalista e socioambiental entre outras dimensões de análise. Encontraram a prevalência da perspectiva socioambiental na maioria dos grupos, apresentando objetivos conservacionistas nas suas declarações e evidenciando as linhas de pesquisa focadas nas ciências naturais e nas ciências humanas e sociais, como a educação.

O **segundo artigo** faz uma análise qualitativa com base nos relatórios de sustentabilidade publicados em sites oficiais de três empresas em Portugal. Este autores procuram aprofundar como estas empresas declaram em seus documentos oficiais online a utilização das ferramentas de apoio à sustentabilidade. Especialmente como são aplicadas na Gestão da Cadeia de Fornecimento das suas próprias organizações. Ums das conclusões deste trabalho é que estas empresas declaram desenvolver a área da sustentabilidade na gestão da cadeia de fornecimento. Para isso utilizam diversas ferramentas de apoio apresentada no artigo.

Quando se fala do potencial da internet, estamos a falar do seu potencial de informação e de comunicação em geral. Por isso, se torna completamente pertinente num contexto de corpus latente na internet compreender quais os usos e integrações que as instituições do ensino superior dão às tecnologias da informação e comunicação. O **terceiro artigo** desta edição centra-se em compreender as boas práticas e tendências relacionadas com o uso das tecnologias da comunicação em instituições do ensino superior público português. Estudam casos de boas práticas através da análise qualitativa de fichas de caracterização de instituições do ensino superior e de onze entrevistas a docentes. Estes autores concluem com base no estudo de todos os casos de boas práticas analisados, que estes são "reveladores da existência de muito e bons exemplos de intervenção" de uso das tecnologias no ensino superior.

Um dos fenómenos mais relevantes que a internet pode proporcionar neste últimos anos foi a possibilidade de termos canais de televisão na rede e conseqüentemente o aumento da interação com os telespectadores. O **quarto artigo** estuda o conceito de relação parassocial entre os espectadores de TV pela internet. Este conceito está relacionado com a "intimidade à distância" que se pode estabelecer entre o canal/atores e as pessoas que acompanham a programação. Para isso escolhem dois canais de internet TV portugueses e estudam os comentários que os

espectadores fazem através do Facebook e um questionário aplicado a 52 voluntários. Os dois canais estudados um é nacional e outro é regional, e uma das conclusões que chegam é que a linguagem parassocial do canal nacional é de maior “proximidade” do que a do canal regional.

O **quinto artigo** desta edição utiliza um corpus de dados latente na internet muito interessante e com crescente adesão de cientistas: as respostas e discussões a questões especializadas. Estes autores analisam 210 respostas a questão: “*Can you recommend a software for analysing qualitative data (interview transcripts)?*” disponível na plataforma ResearchGate®. Para termos uma ideia da dinâmica e potencial latente destes tipos de dados, percebemos que passado menos de um ano depois da análise feita por estes autores, temos atualmente um acumulado de 478 respostas a questão inicial. Segundo o próprio ResearchGate®, esta questão tem 573 seguidores e mais de 18000 visualizações, mas o potencial da comunidade como um todo é de mais de 5 milhões de cientistas e especialistas. Inspirados nas conclusões que estes autores chegaram, podemos reafirmar a necessidade de se utilizar de forma mais sistemática a análise deste tipo de dados. Neste caso, dados de uma comunidade internacional disponível quase instantaneamente, de baixo custo e de grande riqueza informacional.

Quando se fala em integrar as tecnologias na educação isto implica investimento. Os autores do **sexto artigo** então questionam: “Qual é o principal enfoque (tecnológico ou humano) registado no discurso governamental?” e “Para onde se direciona o investimento (tecnológico ou humano) relativamente aos projetos de implementação das TIC na Educação?” Para responder a esta e outras questões lançam mão de entrevistas disponíveis na internet de governantes e políticos portugueses. Chegam a conclusão que o foco nos discursos analisados é sempre maior no capital tecnológico e menos no capital humano. Apesar de ser um análise inicial e com reconhecidas limitações, este estudo aponta para uma realidade que se observar internacionalmente na tendência dos governos investirem mais em hardware e software, do que em formação de professores e técnicos. Este é um resultado que nos deve alertar sobre os resultados do investimento (ROI) quando se trata em integração das tecnologias na educação. Educação é feita por pessoas e para pessoas, onde as tecnologias devem desempenhar um papel de ferramentas integradas no processo.

O **Sétimo artigo** explora a utilização das *Wiki* como ferramentas Web 2.0 no contextos educativos. Os autores trabalharam com plataforma PBworks® para incentivar a colaboração de alunos de biologia e geologia. Estes alunos publicaram os resultados sistematizados a partir de uma saída de campo a um ecossistema. Estes autores analisaram os registos dos comentários nas Wikis e puderam constatar que os alunos participaram e mostraram confiança na interação com esta tecnologia de informação e comunicação.

Finalmente o **Oitavo** e último artigo desta edição da Revista ILCJ, analisa imagens extraídas da internet. Tradicionalmente a investigação qualitativa tem centrado suas análises diretamente em textos. Entretanto, as imagens sempre foram e agora mais ainda uma fonte de informação suscetível de análise aprofundada e sistemática. Hoje temos a disponibilidade multimédia através da internet e da facilidade de se tirar fotografias digitais e partilhar. Os autores usam imagens de pinturas de vários séculos que representam alquimistas em seu contexto de trabalho. Questionam se estas imagens, algumas vezes utilizadas nos livros didáticos e outros livros, podem ou têm a potencialidade de induzir concepções deturpadas sobre a ciência. A análise tem por base uma matriz conceptual da moderna epistemologia da história da ciência e chega a conclusão que as imagens encerram em si mesmas alguma indução a algumas das concepções equivocadas sobre a ciência e os cientistas. Este trabalho acaba por apontar para a necessidade de se estudar em contexto de sala de aula e vários outros contextos, se realmente estas imagens induzem concepções deturpadas sobre a ciência. Este trabalho nos relembra para o poder que as imagens podem ter no ensino e na aprendizagem e suas potencialidades em termos de investigação.

Compreendemos que estes artigos são bons exemplos de diversidades de dados e de formas de codificar *corpus* latente na internet. No entanto, é importante lembrar que existem especificidades no *corpus* latente na internet que podem propiciar ou exigir novas técnicas/métodos de tratamento e codificação de dados. Estes novos métodos necessitam de ser estudados e adaptados para a realidade multimédia existente na internet, constituindo-se por si só um desafio para a comunidade científica que faz investigação qualitativa. Assim, esperamos que este novo número do ILCJ seja um contributo simples mas consistente e que abra novas

possibilidades de se fazer uma ciência rigorosa e sistemática com e através da “floresta” de dados que a internet tem por explorar.

Universidade de Aveiro-Portugal, 15 de Dezembro de 2014

Francislê Neri de Souza

Referências Bibliográficas

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª ed., p. 223). Lisboa: Edições 70.

Neri de Souza, F., Neri de Souza, D., & Costa, A. P. (2014). Importância do Questionamento em Todo o Processo de Investigação Qualitativa. In A. P. Costa, F. Neri de Souza, & D. Neri de Souza (Eds.), *Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios* (1ª ed., pp. 125–145). Aveiro - Portugal: Ludomedia.

Neri de Souza, F., Neri de Souza, D., Costa, A. P., & Moreira, A. (2013). *WebQDA – Manual do Utilizador* (2ª ed.). Aveiro - Portugal: Universidade de Aveiro.

Saldaña, J. (2012). *The Coding Manual for Qualitative Researchers* (Second., p. 224). London: SAGE Publication.